

Sveja em São Paulo

AGOSTO 1988

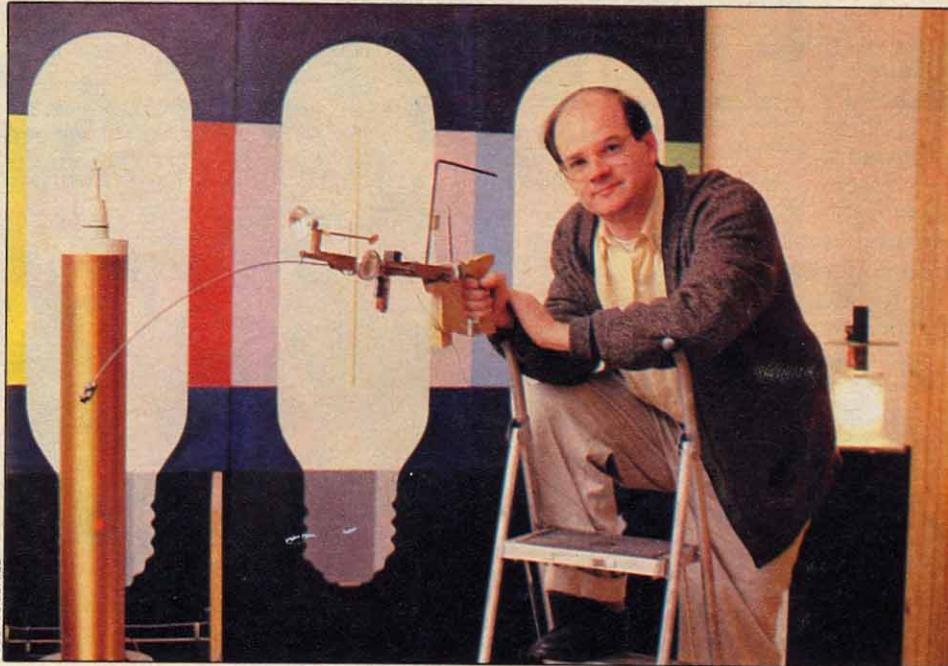
S	T	Q	Q	S	S	D
8	9	10	11	12	13	14



Guto Lacaz

O ARTISTA DAS MIL IDÉIAS

veja em São Paulo



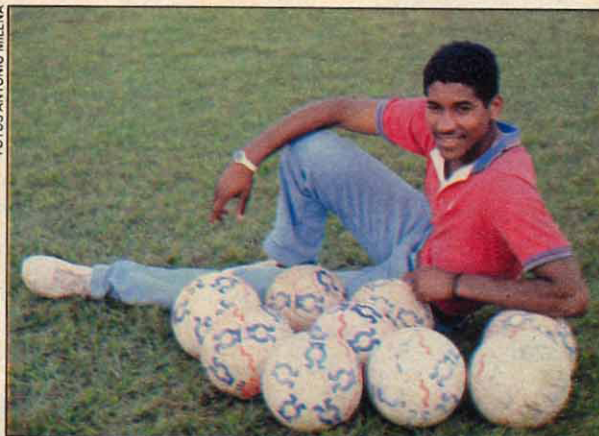
ROBERTO LOFFEL

O artista plástico Guto Lacaz e seus objetos — rádios que pescam, latas de óleo que procuram saladas e mil outras idéias desse tipo. Pág. 12



FOTOS ANTONIO MILENA

Motivados pelas obras no Anhangabaú, os paulistanos redescobrem o centro. Pág. 20



Como é a vida do centroavante Viola, o jogador que deu o título de campeão paulista ao Corinthians. Pág. 24

ÍNDICE

- 6** Terraço Paulistano
Mais uma estação de trem na cidade
- 8** Hospital
A ala nova da Beneficência Portuguesa
- 28** Professores
Como e quando ter aulas particulares

- 34** As Boas Compras
Um kit para quem gosta de escargot
- 39** O Roteiro da Semana
Xuxa chega ao Ginásio do Ibirapuera
- 110** Em Foco
Reformas empacotam o Masp

O HOMEM QUE BRINCA COM A ARTE

Guto Lacaz põe rádios para pescar, latas de óleo para procurar saladas, ovos para fritar no ferro elétrico — e faz sucesso como artista plástico

— POR RUY CASTRO

Os funcionários da alfândega de Paris, habituados a todas as esquisitices que passam pelas fronteiras francesas, não entenderam nada quando abriram o compartimento de carga de um avião vindo do Brasil, em dezembro último, e dele desembarcaram 26 aspiradores de pó. Como não há a menor sombra de escassez deste eletrodoméstico na França, os fiscais teriam todos os motivos para farejar alguma espécie inédita de contrabando, se não fosse a intervenção dos funcionários do Ministério da Cultura brasileiro, presentes ao desembarque. Eles explicaram aos desconfiados fiscais que os 26 aspiradores faziam parte — aliás, eram as estrelas principais — de uma *instalação* do artista plástico paulistano "Guto" Lacaz, intitulada *Eletro-esfera-espaço*, a ser exibida no Museu de Arte Moderna parisiense. Incapazes de compreender o que uma *instalação* tinha a ver com uma exposição de arte e nunca tendo ouvido falar em Guto Lacaz, os fiscais liberaram os aspiradores.

As dúvidas desses fiscais teriam se dissipado, no entanto, se eles costumassem ler as colunas de artes plásticas dos jornais locais. Em todas elas, nos dias seguintes, se falava da exposição brasileira "Modernidade" e não se economizavam elogios aos 26 aspiradores de Lacaz, marcialmente alinhados em fila dupla numa sala especial, cada um deles equilibrando com seu jato invertido uma bolinha branca de isopor suspensa no ar. Tratava-se de mais uma das "artes" de Guto Lacaz, um misto de artista plástico, artista gráfico e performista que faz, hoje, um trabalho único em São Paulo. Metido num caótico ateliê na Rua Pamplona, no bairro de Cerqueira César, Carlos Augusto Martins Lacaz, o Guto, um sujeito tímido a ponto de gaguejar quando topa com desconhecidos, pode inventar qualquer coisa. Ele copia a moça da lata do leite condensado Nestlé numa tela, assina e põe à venda. Enfileira oito rádios de pilha sobre um balcão, estica suas antenas, amarra em cada uma delas uma

linha, batiza tudo com o nome singelo de *Rádios Pescando* e parte para outra. Apanha papel e lápis, desenha um logotipo como o da revista *AZ*, bola a capa do próximo número (*veja quadro à pág. 17*) e se diverte com suas idéias. "Eu sou um humorista", define-se ele. "De vez em quando, faço um trabalho mais reflexivo. Mas, no geral, ele não representa nada — é, e pronto."

Não há hoje nas artes paulistanas ninguém com um trabalho parecido com o de Guto Lacaz — desprezioso, engraçado, simpático e festejadíssimo. "Neste país em que todo mundo quer ser igual, Guto é diferente. Pode-se reconhecer um trabalho dele a quilômetros de distância", diz, por exemplo, o empresário Aparício Basílio da Silva, presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Há, é claro, quem suspeite de que as criações de Guto Lacaz não passem de invenções superficiais e oportunistas, feitas apenas para chamar a atenção de embasbacados. Bem, pode ser, mas a mesma coisa foi dita da obra do artista francês Marcel Duchamp, que, no começo do século, apresentava uma roda de bicicleta espetada num banquinho como obra de arte ou mostrava uma *Mona Lisa* de Leonardo da Vinci com bigode e cavanhaque como sendo de sua autoria. Duchamp não só deixou uma marca na história da arte como é considerado, hoje, um dos precursores da chamada arte moderna — ele foi homenageado com uma retrospectiva de 74 obras durante a última Bienal de São Paulo.

As vésperas de completar 40 anos em setembro próximo, Guto Lacaz já se cansou de ouvir que sua obra se inspira em Duchamp — de quem, aliás, ele nunca tinha ouvido falar até que começasse a ser objeto de análise por parte da crítica. Guto Lacaz não liga a mínima, e continua desmontando rádios, carri-

Guto Lacaz em seu ateliê: "Eu sou um humorista. Minha obra não significa nada — ela é feita para rir, e pronto"

nhos, liquidificadores, toca-discos e relógios como uma criança xereta que foi — e é —, para depois combinar partes de uma coisa com outra e produzir um objeto que ninguém saberá dizer para o que serve, exceto despertar um largo e inevitável sorriso. A diferença é que, enquanto uma criança costuma ganhar apenas um puxão de orelhas por sua exibição de criatividade, os objetos inventados por Guto Lacaz vão para as galerias de arte ao preço mínimo, estipulado por seu marchand, João Sattamini, de 1 000 dólares — e acabam lhe rendendo o dinheiro dos compradores, a admiração dos

colegas e o reconhecimento dos entendidos. Guto Lacaz, no entanto, continua achando de si próprio o que sempre achou. "Não sou um artista plástico, mas sim prático. Sou um biscateiro, um sujeito do tipo que bate prego, pinta prateleira ou descapa fios", diz ele.

Bater pregos e pintar prateleiras, aliás, foram as atividades que lhe renderam a única inimizade — declarada — no elétrico universo das artes plásticas: com a marchande Regina Boni, dona da Galeria São Paulo. Em 1982, ela o convidou para fazer sua primeira exposição individual. Guto armou-se não apenas de dedicação, mas também de um martelo e uma lata de tinta. Ele próprio instalou as prateleiras, envernizou-as uma por uma, depositou nelas o que iria expor, desenhou o catálogo da exposição e, da sua abertura ao encerramento, não arredou pé da galeria. A exposição foi um sucesso pelo inusitado, mas vendeu pouco. Quando ela fechou, Regina Boni apareceu com a conta da pintura dos 800 metros quadrados de paredes da galeria.

"Fiquei indignado", altera-se Guto Lacaz, ainda hoje. "Só paguei porque a Regina é uma pessoa com a qual não se pode conversar com começo, meio e fim." Regina Boni, a marchande, diz que não se incomoda com que furem as paredes de sua galeria, desde que elas sejam devolvidas intactas ao final das mostras. "Outros artistas deixam nossa equipe fazer esse trabalho, mas ele era imaturo e quis fazer tudo sozinho. Artista plástico, não adianta, não sabe bater pregos."

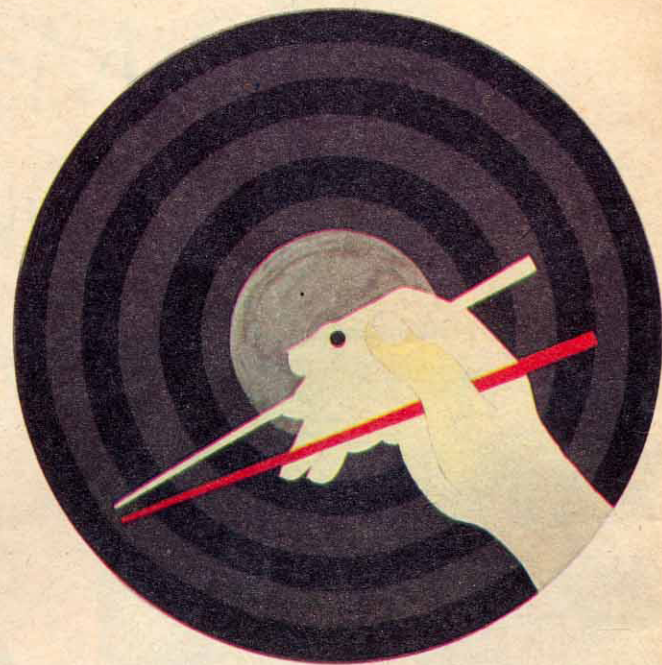
Nos cinco anos que separam essa tumultuada exposição da que Guto fez em 1987 na Galeria Subdistrito, em Pinheiros — e com a qual se consagrou em São Paulo —, ele continuou sendo o mesmo. Mas algo mudou na cabeça dos marchands. João Sattamini, proprietário da Subdistrito, encantou-se com o detalhismo de Guto Lacaz.

"Ele não deixa ninguém bater um prego, monta tudo sozinho e só falta dormir na galeria", diz o marchand. Nessa exposição, Guto Lacaz só não vendeu o que não podia entrar numa casa. Todo o resto foi arrematado — incluindo a obra *Salão Nacional*, considerada a melhor já feita pelo artista. Trata-se de uma caixa de 1,45 metro de comprimento, onde Guto Lacaz colou, no fundo, pequenas reproduções de amigos artistas que quis homenagear, como Dudi Maia Rosa, Patrício Bisso e Alex Vallauri, e ainda instalou uma fotografia da também artista plástica Leda Catunda, recortada de uma capa de *Veja em São Paulo*, que gira em torno de si, movida por um pequeno motor.

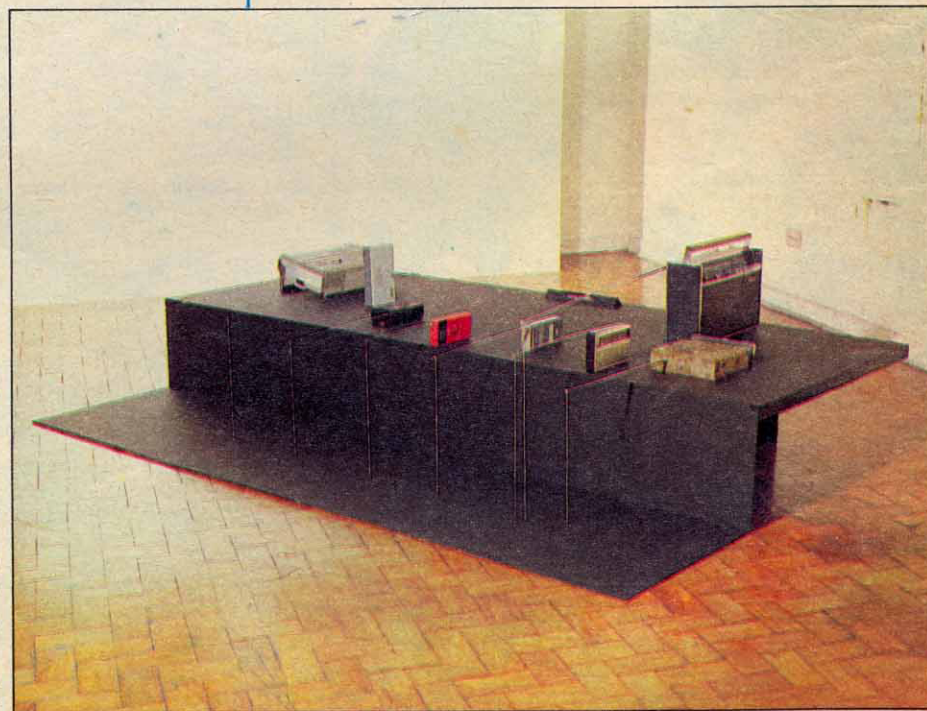
Essa mesma exposição de Guto Lacaz continha alguns quadros de linhas simples, cores fortes e claramente marcados pela experiência de artista gráfico, autor de capas de livros e discos, logotipos e coisas do tipo. Os críticos não se entusiasmaram, mas não sobrou nem um nas paredes da Subdistrito. *Submarino Nuclear em Noite de Luar*, um deles, foi vendido por 3 500 dólares. "Não pinto apenas para mostrar que também sei pintar, como dizem", defende-se Guto. "Acontece que eu não confundo pintar com jogar tinta numa tela."

Cada vez mais, os críticos aplaudem o que sai da cabeça de

OBJETOS E ENGENHOCAS DE GUTO LACAZ



HAI-KAI HI-FI (esmalte sobre disco, 0,30 x 0,02m, 1987). "Certa vez, o hashi — aquele palitinho com que se come arroz no restaurante japonês — chamou minha atenção. Assim, eu descobri que ele é tão preciso quanto uma agulha de vitrola"



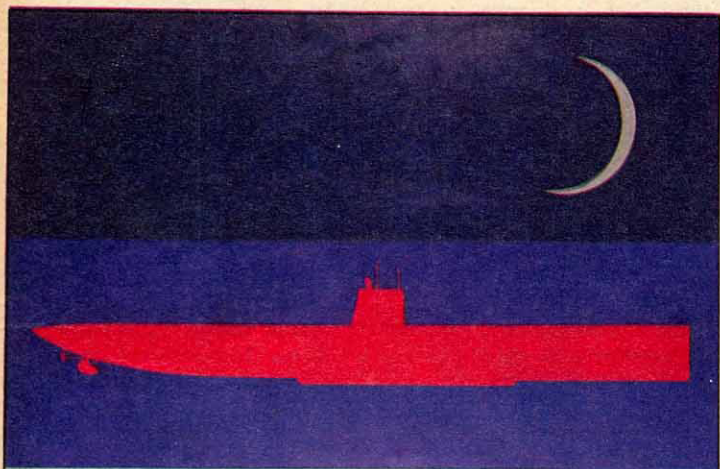
RÁDIOS PESCANDO (escultura, 2,10 x 0,70 x 0,30 m, 1986). "Gosto de andar pela Rua Santa Ifigênia e ver aquele monte de rádios nas vitrines. Um dia, fiquei imaginando como aproveitá-los de outra forma. Como varas de pescar, foi a solução ideal"



ONO (objeto, 0,19 x 0,12 x 0,05m, 1987). "Com um jogo de letras, fiz uma brincadeira com o arquiteto Walter Ono"



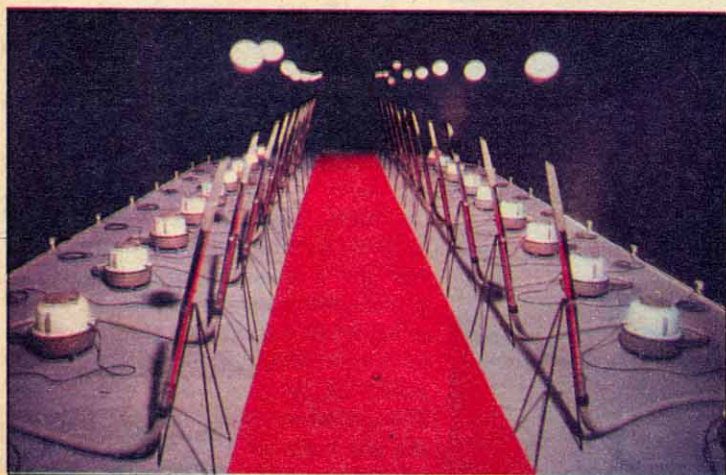
HIGH TEGG (objeto, 0,18 x 0,18 x 0,13m, 1987). "Eu queria dar uma outra função para o ferro de passar roupa. Fazê-lo virar frigideira foi fácil"



SUBMARINO NUCLEAR EM NOITE DE LUAR (acrílico sobre tela, 2,60 x 1,50m, 1987). "É um jogo de imagens — o bonito e o indesejado, que só dá certo na rima do título"



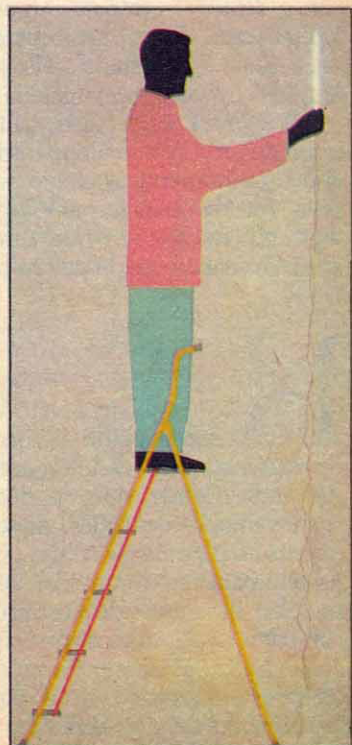
MASCOTE (pintura, 0,70m, 1987). "Eu vi esta imagem num jornal e guardei. Um dia, resolvi reproduzir a cena. Deu nisso"



ELETRO-ESFERO-ESPAÇO (instalação, 26 aspiradores de pó, 1986). "Desde menino o truque das bolinhas de isopor flutuando no espaço me fascinava. Até que eu mesmo fiz"

HOMEM NA ESCADA

(pintura, 3,0 x 1,50m, 1985). "Objetos como cadeiras e escadas sempre me atraíram, porque compõem cenas curiosas. Aqui, só o neon é real"





SAMUEL JAVELBERG

A marchande Regina Boni: briga por causa das paredes



ANTONIO MILENA

O marchand João Sattamini: elogios ao detalhismo de Guto Lacaz

Guto Lacaz. "Guto não é apenas um bolador de engenhocas engraçadas. Ele se apropria de coisas inesperadas e dá alma a elas", diz o crítico Casimiro Xavier de Mendonça. "Onde as pessoas só vêem inutilidades, Guto descobre fontes preciosas de inspiração", opina Aracy Amaral, ex-curadora do Museu de Arte Contemporânea. "Ele é o Duchamp vivo", entusiasma-se o crítico Olney Kruse. Até agora, Guto Lacaz não chegou a espetar uma roda de bicicleta num suporte ou a pintar bigode na *Mona Lisa*. Mas em sua exposição de 1987 ele apresentou dois objetos que o azedo Duchamp teria admirado, não fosse o lirismo contido neles. O primeiro, *High Tegg*, um trocadilho com as palavras alta tecnologia e ovo em inglês, consistia num ferro de passar com a chapa voltada para cima, fritando um ovo (veja quadro à pág. 15). O outro era *Rádios Pescando*. Aos que lhe perguntam de onde tira essas idéias, Guto Lacaz responde que não sabe como alguém não as teve antes, de tão simples que são. Simples ou não, *Rádios Pescando* rendeu-lhe 135 000 cruzados — a preços de 1987 — e hoje, emprestado pelo comprador, está exposto numa galeria de arte em Nova York, onde, aliás, Guto participou de uma exposição no início deste ano e ganhou críticas elogiosas na revista *New York* e no jornal *Village Voice*, duas publicações em que um artista brasileiro daria metade de sua obra para sair.

Há também quem veja no seu trabalho algum reflexo do realizado pelo escultor americano Alexander Calder, que, na década de 30, inventou os móveis, aquelas pequenas esculturas que se usa pendurar no teto para serem movidas pelo vento. Não há muito de absurdo nessa comparação. As crianças que compareceram à 18.ª Bienal, em 1985, podem já ter se esquecido de tudo o que viram nela, exceto de um trenzinho que se

movia incansavelmente de um lado para o outro, sobre um trilho suspenso, sem qualquer outra proeza adicional — obra de Guto Lacaz. As crianças foram também as primeiras a arregalar os olhos diante de um móvel que ele construiu em 1982, *Óleo Maria à Procura da Salada* — uma lata de óleo comum, equipada com rodinhas e motor, que se desloca pela borda circular de uma bandeja, tendo em cima uma miniatura giratória de radar. A lata de óleo enfeita hoje o acervo do colecionador Augusto Lívio Malzoni, que a comprou na época por um preço equivalente a 500 000 cruzados atuais. "Custou-me dois anos de trabalho, mas valeu a pena", diz Lacaz. "Fazer uma lata de óleo andar atrás da salada era uma coisa com que eu sonhava desde criança."

Para a maioria dos paulistanos, Guto Lacaz é um nome só recentemente incorporado à galeria daqueles de quem já se ouviu falar. Mas para os moradores mais antigos da Al. Sarutaiá, uma pequena paralela à Avenida Paulista, a lembrança de um moleque com esse nome ainda está bem viva. Um belo dia, no começo dos anos 60, eles acordaram e viram um fio grosso de arame ligando a casa do austero doutor Carlos Lacaz, catedrático da Faculdade de Medicina da USP, à casa do outro lado da rua. Ele transportava uma caixinha em forma de bondinho, acionada por uma carretilha pelo jovem Guto, de um lado, e seu amigo Rui Pedreira, de outro. Esses mesmos moradores mais antigos devem se lembrar do dia em que a mesma dupla tocou fogo numa geringonça com cara de foguete espacial, e a fumaça produzida pelo combustível que eles usaram — pastilhas de perclorato de potássio arrematadas numa farmácia — podia ser vista de longe. Até os bombeiros compareceram ao lançamento que não aconteceu. "O Guto sempre foi extremamente criativo", diz Rui Pedreira, hoje um administrador



ROBERTO LOFFEL

Os pais: em casa, apenas um tapete do filho

de empresas circunspeto. "Ele é que era meu ídolo", rebate Guto. "Não havia aparelho ou objeto que o Rui não soubesse desenhar ou construir."

Crianças curiosas costumam custar caro as suas famílias, e Guto foi uma das mais dispendiosas de todas. Brinquedos que dona Dinah, sua mãe, lhe dava na véspera do Natal chegavam ao Ano-Novo canibalizados numa montanha de molas, porcas, parafusos e arruelas e reapareciam magicamente remontados — e funcionando — antes do Carnaval. "Eu queria descobrir o coração das coisas." Desde então Guto conserva a mania de nunca jogar nada fora — até hoje guarda objetos daquele tempo e ainda pretende fazer alguma coisa com eles. Seus amigos, sabendo disso, vivem presentando-o com badulaques, como liquidificadores quebrados, maçanetas de geladeiras e painéis sem cabo. O resultado dis-

IDÉIAS DE UMA CABEÇA CALVA

Quem já viu a revista AZ nas bancas e se deliciou com suas capas sempre inusitadas ou com seu projeto gráfico ousado pode dizer que conhece um pouco da obra de Guto Lacaz. Ele é o autor não só do logotipo da revista como de algumas idéias malucas que já rechearam as páginas da publicação. Neste mês de agosto, quando a AZ se prepara para colocar nas bancas uma edição especial sobre o mês do cachorro louco, é de Guto Lacaz a idéia divertida de dedicar duas páginas a uma única ilustração: uma foto saborosa, enorme e sugestiva de nada menos que um cachorro-quente. "Ficou bárbaro", diz Joyce Pasco-

dígena na cabeça da atriz Malu Mader. "Ele sempre chega na reuniões de pauta calado, mas cheio de novidades na cabeça", conta Joyce. "Mas quando abre a boca, a gente já sabe que vem coisa boa." Nessas reuniões mensais, Guto sempre diz presente. E todas as semanas, faça chuva ou faça sol, ele dá uma passada na redação da revista, apenas para rever amigos e fazer uma das coisas de que mais gosta: deixar nas mesas deles pequenos presentes. "O Guto adora mimar as pessoas de quem gosta", diz Joyce. "Nunca com flores, mas com pequenas lembrancinhas: um desenho, um bilhete engraçado, uma caixinha."

Mais do que uma vez, Guto Lacaz já disse que vive do que ganha como artista gráfico: são 63 000 cruzados por mês (reajustados de acordo com a OTN "e a vontade da Joyce", como ele diz) na AZ, mais o que ele recebe desenhando logotipos, cartazes, capas de discos e livros. São dele, por exemplo, as capas do livro *O Falcão Maltês*, editado pela Brasiliense, e do primeiro disco do grupo paulistano Luni, que acaba de chegar às lojas. Nesta última, Guto aproveitou uma idéia que já havia virado obra de arte em sua exposição na Galeria Subdistrito, em 1987: uma montagem chamada por ele de *Ordem* em que se alinham, perfeitamente enfileirados, palitos de fóforo, cotonetes, clips de papel e palitos de dente. "Adoro essas coisas que os outros jogam fora", diz Guto Lacaz. "Para mim, elas sempre servem para alguma coisa." Guto, enfim, é um criador que sabe trabalhar com o barato e fazer com que ele pareça apenas uma brincadeira leve e até sofisticada. Até para falar de si ele utiliza esse tom: careca desde os 18 anos, ele passou muito tempo procurando um jeito de se conformar com a cabeça cada dia mais pelada. Hoje, quando é abordado sobre o assunto, dispara: "Não sou calvo. Tenho apenas um design mais limpo".



LUÍZ AURELIANO

so é que seu ateliê ficaria melhor descrito como um misto de ferro-velho com a oficina do Professor Pardal, o excêntrico e genial cientista de Walt Disney com que Guto é freqüentemente comparado.

Essa vocação para Professor Pardal, no entanto, causou a princípio uma certa estranheza em sua família. Os pais não entendiam como Guto, além de recusar-se a transpor os limites da Al. Sarutaiá, conseguia ficar horas trancafiado em seu quarto, desmanchando caranguejolas. Quando Guto cometeu a proeza de ser reprovado no 3.º ano primário, seu pai resolveu arriscar e deu-lhe o torno, a lixadeira e a serra circular para começar sua oficina. "Algumas pessoas têm jeito para certas coisas, não para o que se espera delas. Mas tínhamos certeza de que Guto seria bem-sucedido no que escolhesse", admite hoje o doutor Carlos Lacaz, que tem em casa uma única obra de arte

Joyce Pascowitch, diretora de redação da AZ, e duas capas de Guto Lacaz: idéias que nascem nas reuniões de pauta



witch, diretora de redação da AZ e amiga de Guto Lacaz. "Só ele poderia ter tido essa idéia — e, se ele não tivesse tido, talvez ela ficasse faltando mesmo nesse número."

Guto Lacaz já bolou outras invenções dessas na AZ. No primeiro número da revista, quando ela deixou de se chamar *Around*, foi ele quem sugeriu que se colocasse um Pato Donald na capa, para ilustrar o tema "notícias populares". Foi de Guto Lacaz, ainda, a idéia de meter um cocar in-

do filho: um tapete instalado na sala de estar. Meses mais tarde, com sua mesada, Guto comprou uma furadeira elétrica. "Naquela época, era o mesmo que ter um laser", diz ele. Com as ferramentas de seus sonhos à mão, não admira que Guto bombasse de novo — desta vez, no 1.º ano de ginásio no Dante Alighieri. "Eu era um caso perdido."

A resposta as suas preces veio em forma de matrícula no Ginásio Vocacional, no Brooklin, para onde iam os garotos habituados a colecionar reprovações em outros colégios. "Foi lá que me encontrei. Descobri de repente que não era o único a gostar de eletricidade, cerâmica e carpintaria, ou que preferia visitar uma fábrica a ir ao zoológico", diz Guto. Em 1967, terminado o colegial, Guto pôs num prato da balança tudo que havia aprendido lá e, no outro, suas aspirações. O fiel não se mexeu do lugar. O Vocacional o preparara para ser um craque na arte de consertar rádios ou televisores, mas, para ele, a eletrônica não passava de um hobby. Com a certeza de que seria reprovado em qualquer vestibular mais puxado a que se submetesse, conformou-se em tentar a Arquitetura numa faculdade cheia de vagas em São José dos Campos e conquistou uma delas. "São José dos Campos estava cheia de um tipo de gente de quem eu nunca tinha me aproximado: garotas."

Em 1974, Guto viu-se de novo em São Paulo, com um diploma de arquiteto no bolso e nem um projeto no horizonte. "Todos os arquitetos da minha geração foram para Rondônia ou contentaram-se em fazer reformas, ou seja, pegar uma casa nos Jardins e transformá-la numa loja. Havia uma crise no mercado. Outros desistiram da arquitetura e abriram butiques, bares ou restaurantes de comida natural. Eu não queria nada daquilo", lembra Guto. Um dia, andando por um corredor do Senai, bateu os olhos num cartaz anunciando a 1.ª Mostra do Móvel e do Objeto Inusitado, na Galeria Arte Aplicada. Ele não considerava exatamente inusitados os objetos que criava, mas resolveu apresentá-los. Um deles, intitulado *Crush Fixo* (uma garrafa de Crush imobilizada numa moldura de isopor), acabou premiado. Isso foi há exatamente dez anos.



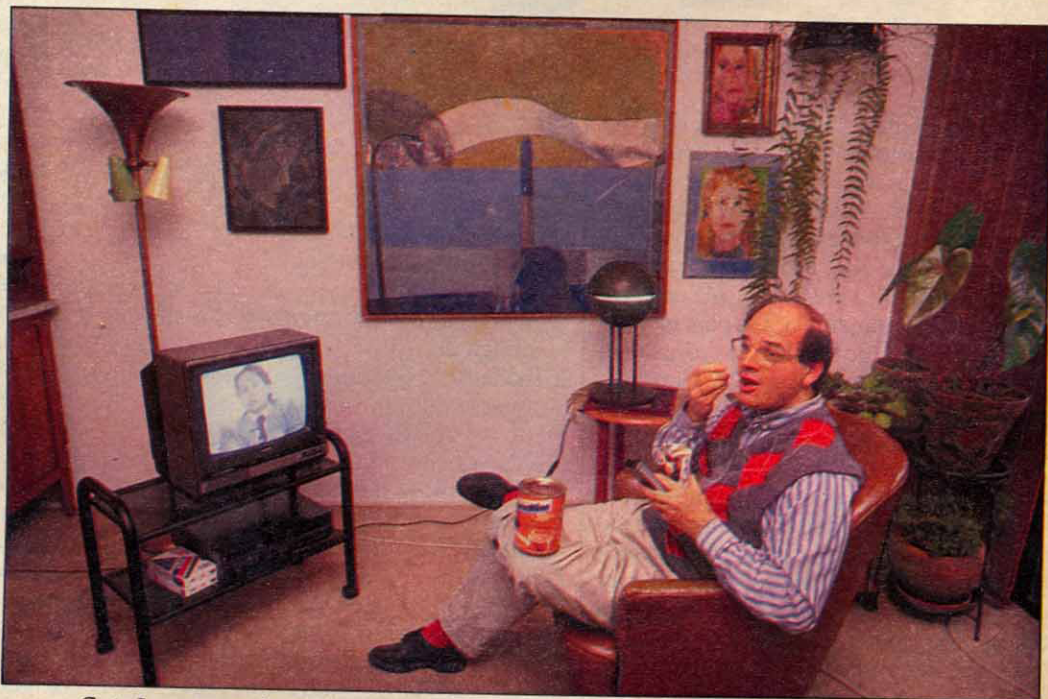
A mulher, Marisa: companhia para os melhores momentos — em casa

FOTOS ANTONIO MILENA

Guto Lacaz saía da casca e nascia para o mundo.

Desde então, a trajetória de Guto Lacaz fez com que ele deixasse de ser visto como um rapagão com jeito de inventor maluco para se transformar num dos mais criativos e festejados artistas contemporâneos de São Paulo. No fundo, ele acha graça de tudo isso — da badalação, de seu nome estampado nas colunas sociais, da atenção que chama. Continua sendo viciado em duas coisas: Leite Moça — que ele come diretamente na lata, com uma colher, enquanto vê televisão — e sua casa. Pouco visita os amigos. Não sai à noite — prefere fazer companhia a Marisa, sua mulher há quatro anos, professora de Inglês. O casal não tem filhos e Guto aproveita todo o (pouco) tempo livre que tem para ficar parado num canto, quieto, pensando. Criando. Sua última in-

venção, na qual ele já enfiou mãos à obra, será exibida em público no Rio de Janeiro, em novembro, numa mostra de esculturas. Guto Lacaz mostrará um conjunto de 48 fitas métricas, dessas usadas por costureiras, penduradas uma ao lado da outra, formando uma cortina. No chão, vai instalar outras 48 trenas metálicas, que, acionadas por um motor, passarão o tempo todo abrindo e fechando. A obra ainda não tem um nome escolhido, mas Guto Lacaz já manda um aviso aos navegantes: "Não adianta querer delirar em cima dela. Vai ser só um monte de fitas e trenas reunidas, e só, para fazer rir, e nada mais".



Guto Lacaz e um de seus vícios: comer leite condensado na lata enquanto assiste à televisão